

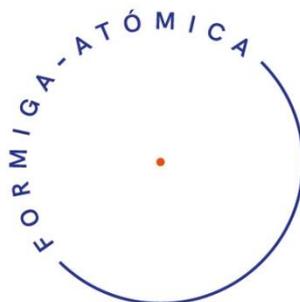


© Manuel Lino

# O Estado do Mundo (Quando Acordas)

[ criação 2021 ]

de Miguel Fragata e Inês Barahona



Trailer: [vimeo.com/user24103477](https://vimeo.com/user24103477)

Registo integral: [vimeo.com/668738316](https://vimeo.com/668738316)

(password: EdM\_2021)

## Sinopse

Até que ponto objectos do nosso quotidiano podem ser responsáveis por grandes catástrofes naturais? Qual o impacto das nossas acções no outro lado do planeta?

**O Estado do Mundo (Quando Acordas)** coloca em cena relações de causa-efeito entre pequenos gestos e grandes consequências. Edi é um rapaz de 8 anos com uma vida muito preenchida. Todos os dias consome e descarta muitas coisas, até que recebe um ~~brinquedo~~ convite inesperado. Nesse momento, inicia uma viagem por um mundo invisível aos seus olhos, marcado pela crise climática. Num mundo desacertado, é preciso olhar para o passado e fazer com que tudo bata certo no futuro. O tempo está sempre a contar.

**O Estado do Mundo (Quando Acordas)** é o primeiro espectáculo de um díptico que se destina a pensar o estado do mundo – natural, político, geográfico, social, histórico, económico e humano.

•

**O Estado do Mundo (Quando Acordas)** é acompanhado pela série online **Isto não é uma brincadeira – a crise climática em 8 episódios**, um ciclo que convida a crescer em activismo, enquanto se decresce em consumismo (mais informações na página 7).

## Ficha artística e técnica

**Encenação** Miguel Fragata

**Texto** Inês Barahona e Miguel Fragata

**Interpretação** Edi Gaspar

**Cenografia** Eric da Costa

**Figurinos** José António Tenente

**Música original** Fernando Mota

**Desenho de luz** José Álvaro Correia

**Vídeo** João Gambino

**Adereços** Eric da Costa, José Pedro Sousa, Mariana Fonseca e Rita Vieira (design gráfico)

**Maker** Guilherme Martins

**Construção de cenografia** Gate7

**Direcção técnica** Renato

Marinho

**Consultoria** Henrique Frazão

**Produção executiva** Ana Lobato e Luna Rebelo

**Produção** Formiga Atómica

**Co-produção** Lu.CA – Teatro Luís de Camões, Comédias do Minho, Materiais Diversos e Théâtre de la Ville

A Formiga Atómica é uma estrutura apoiada pelo

Ministério da Cultura |

Direcção-Geral das Artes

**Agradecimentos** Ana Pereira,

Andreia Luís, Beatriz

Castanheira, Carlos Félix /

Decolab, Carlos Miguel /

IMPERSOL, Dalila Romão, David

Palma, Dina Mendonça,

Elisabete Pinto, Joana

Ascensão, João Ribeiro, Lara

Soares, Maria Mestre, Mónica

Talina, Paulo Teixeira/Fablab

EDP, Raquel Castro, Rita

Conduto, Susana Gaspar

**Público-alvo** todo o público M/6

**Duração** 50 minutos



© Manuel Lino

## Ante-estreia

PONTÉVEL · SFIP · 8 de Outubro 2021 [Festival Materiais Diversos]

## Estreia

LISBOA · Lu.CA – Teatro Luís de Camões · 11 de Novembro 2021 [ versão PT ]

PARIS · Théâtre de la Ville / Espace Cardin · 23 de Março 2022 [ versão FR ]

## Digressão

LISBOA · Lu.CA – Teatro Luís de Camões · 11 a 28 de Novembro 2021

CARTAXO · Centro Cultural Município do Cartaxo · 8 e 9 de Dezembro 2021

MELGAÇO, MONÇÃO e VALENÇA · Comédias do Minho · 17 de Janeiro a 19 de Fevereiro 2022

TORRES NOVAS · Teatro Virgínia · 11 e 12 de Março 2022

PARIS · Théâtre de la Ville / Espace Cardin · 23 a 30 de Março 2022 [versão FR]

QUARTEIRA · DeVIR/CAPa · 6 e 7 Abril 2022

MONTEMOR-O-NOVO · O Espaço do Tempo · 29 e 30 Abril 2022

ALCANENA · Cine-Teatro São Pedro · 26 Maio 2022

MAIA · Festival Fazer a Festa · 30 Junho 2022

COVILHÃ · Teatro Municipal da Covilhã · 28 Maio 2022

LYON · Théâtre du Point du Jour · 12 a 15 Outubro 2022 [versão FR]

VILA NOVA DE CERVEIRA e PAREDES DE COURA · Comédias do Minho · 15 a 27 Novembro 2022

LISBOA · Lu.CA – Teatro Luís de Camões · 3 a 18 Dezembro 2022 [reposição]

## Acessibilidade

Valorizamos o acesso inclusivo do público aos nossos espectáculos. Neste sentido, foram concebidas para este espectáculo sessões com interpretação em Língua Gestual Portuguesa (LGP) e audiodescrição (AD), com o objectivo de criar condições de acesso, respectivamente, para o público Surdo e com deficiência visual. O espectáculo poderá ser apresentado com estes recursos de acessibilidade em qualquer teatro do país.

## Pode uma guerrilha T-Rex salvar o mundo do apocalipse climático?

### Um texto de Vera Moutinho

No Verão deste ano, enquanto pesquisavam para este espectáculo, Miguel Fragata e Inês Barahona congelaram perante uma pergunta da filha mais velha, de 10 anos: "Será que eu vou poder ser mãe, ter filhos?" A crise climática parecia-lhe demasiado pesada, insolucionável. Os pais, fundadores da companhia teatral Formiga Atómica, estavam às voltas com a construção do espectáculo e encontraram nas palavras da filha inspiração para a ideia forte de ***O Estado do Mundo (Quando Acordas)***: é na tomada de consciência que reside o poder (e a esperança) para mudar.

Em palco do Teatro LU.CA, o actor Edi Gaspar protagoniza um monólogo acompanhado de uma esfera gigante. Um meteorito, que é também um planeta, da autoria do cenógrafo Eric da Costa. Ao lado, um tela de projecção circular que permite ver em detalhe - através de uma câmara de filmar operada por Edi - todas as miniaturas que darão corpo às grandes catástrofes ambientais: desmatamento da Amazónia, o mar de plástico na Malásia, a poluição atmosférica na China, entre outras. É no jogo entre a pequena e a grande escala, entre o individual e o colectivo, que se podem, afinal, pôr em marcha as mudanças.

Um T-Rex surge então como símbolo da guerrilha para a qual se convocam as crianças de todo o mundo. Um animal extinto, fascinante para todas elas, independentemente da sua origem. Um símbolo que apela à união.

O meteorito de braços articulados vai abrindo pequenas partes para revelar diferentes geografias, protagonizados por crianças, que são o rosto destes problemas. São elas as afectadas pela crise climática, mas também podem ser elas a solução.

"De que forma é que nós poderíamos trabalhar este tema tão difícil sem fazer o que ele faz, sem retirar uma ideia de futuro e de esperança a esta geração.? Nós não podemos ser como a crise climática, temos de ser outra coisa, e essa coisa tem de assentar numa ideia de poder", explica Inês Barahona.

Num tempo "avariado" é preciso "olhar para o passado para que tudo bata certo no futuro", lança o actor na abertura do espectáculo. A missão é de todos.

in Público, 11/11/2011



© Manuel Lino



© Comédias do Minho

## Entrevista a Inês Barahona e Miguel Fragata no Festival Materiais Diversos 10 de setembro de 2021

*Este espetáculo propõe refletir sobre o estado do mundo nas suas diversas componentes - natural, político, geográfico, social, histórico, económico e humano. Sendo o mundo um lugar de realidades tão díspares, em que geografias se centra? Isto é, sobre que realidades se debruça?*

Neste espectáculo, mergulhamos em praticamente todos os continentes. Uma das características dos problemas globais é precisamente tocarmos o mundo inteiro. Estamos juntos, com vidas, geografias, sociedades e políticas muito diversas, com realidades por vezes muito injustas, num conjunto de relações que têm por base um sistema de extracção de recursos, de produção de bens e serviços que se confrontam num mesmo mercado internacional que potencia essa mesma injustiça. Debruçamo-nos por isso sobre realidades que conhecemos bem no mundo ocidental, mas também sobre realidades que nos são mais alheias: da Malásia, à Índia,

dos EUA à Amazónia, de Angola ao Uzbequistão.

*Uma vez que o público é convidado a repensar os seus comportamentos quotidianos, de que forma este espetáculo aborda a responsabilidade corporativa e política das empresas e dos Estados no estado do mundo?*

Procuramos estabelecer um equilíbrio entre aquilo que são as nossas escolhas individuais, sobre as quais temos responsabilidade directa e aquilo que resulta de um sistema económico onde um conjunto de interesses dita aquilo que são as nossas escolhas. Não podemos simplesmente atirar a responsabilidade da crise climática para as escolhas individuais, mas por outro lado também não podemos demitir-nos de tomar parte naquilo que designamos como "o sistema". As empresas produzem de determinada maneira porque têm consumidores que as alimentam. Se esses consumidores se tornarem mais

conscientes, as empresas não terão outro remédio senão tornar-se também mais conscientes. Mesmo que não queiram. Os Estados são entidades que resultam de uma vontade colectiva. Se todos, colectivamente, elegermos a crise climática como o desígnio que deve orientar as nossas escolhas, então, o próprio Estado será a materialização desse desejo dos seus cidadãos. Cabe-nos a nós construir o caderno de encargos que desejamos ver cumprido pelas instituições públicas.

***Como se desenvolveu o vosso processo de pesquisa e investigação?***

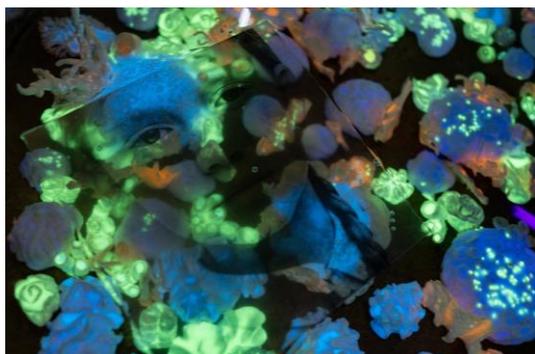
O nosso processo de pesquisa desenvolveu-se ao longo dos últimos meses através de leituras, do visionamento de documentários e filmes de ficção, da pesquisa de artigos e consulta de informação sobre o tema da crise climática. Ouvimos relatos, visitámos lugares e conhecemos projectos que são bons exemplos de sustentabilidade. A partilha com a equipa de criação do espectáculo foi essencial para gerar discussão e debate. Assistimos também a várias apresentações sobre o tema por parte de activistas, nomeadamente do Henrique Frazão, um verdadeiro especialista na matéria e que é consultor do projecto.

***Sendo este um tema tão complexo, como escolheram abordá-lo em cena para um público maioritariamente de crianças?***

Curiosamente, o tema da crise climática tornou-se objecto do olhar atento do mundo, quando uma jovem rapariga decidiu elegê-lo como o combate da sua vida e da vida das pessoas da sua geração.

A Formiga Atómica procura reflectir sobre temas contemporâneos e entende que o público, qualquer que ele seja, tem a capacidade e a legitimidade para pensar sobre eles. O facto de este projecto se destinar a pessoas a partir dos 6 anos não limita o tema que escolhemos. Esse facto condiciona a forma como construímos o espectáculo e a linguagem que adoptamos. Nesse sentido, procuramos usar linguagem acessível e criar pontos de referência para as crianças que vêem o nosso trabalho. Utilizamos objectos de pequena escala, que se assemelham a brinquedos e recorremos à fabricação visível de efeitos, como um jogo de crianças. O prazer que temos em fazer teatro é como o prazer de brincar.

Este espectáculo faz parte de um díptico em que nos desafiamos a pensar num mesmo tema em duas vertentes e para dois públicos-alvo distintos: se este primeiro Estado do Mundo se destina às crianças, num modelo de pequena escala, em breve começaremos a trabalhar na construção de um espectáculo de grande porte para público adulto. O tema é o mesmo, a frontalidade com que o abordaremos também, assim como o grau de rigor e exigência, seja para crianças ou para adultos.





© Guilherme Martins

## Isto não é uma brincadeira – a crise climática em 8 miniepisódios

Perante a crise climática, há quem escolha pôr a cabeça na areia, há quem escolha pôr as mãos na massa e até quem decida preparar bombas. Nesta série de 8 mini-episódios online, que acompanham o espectáculo *O Estado do Mundo (Quando Acordas)*, tudo é urgência e provocação. Um convite para crescer em ativismo, enquanto se decrece em consumismo. Conversas com especialistas, encontros com artistas, refeições sem desperdício, tutoriais com ativistas – tudo condensado em menos de cinco minutos, porque não há tempo a perder.

- #1 **Alterações climáticas** João Camargo, activista
- #2 **Alimentação sustentável** Joana Gil Nave, Salsa em Festa
- #3 **Moda sustentável** Salomé Areias, Fashion Revolution Portugal
- #4 **Biodiversidade** Isabel Castanheira, Quinta dos 7 Nomes
- #5 **Desperdício zero** Eunice Maia, Maria Granel
- #6 **Água** Leonor Canadas, activista
- #7 **Decrescimento** Álvaro Fonseca e Sofia Paredes, Rede para o Decrescimento
- #8 **Bombas de sementes** Sara Amado, Prateleira de Baixo

*(clique em cada tema para aceder ao respectivo episódio)*

•

### Ficha artística e técnica

Concepção e direcção **Inês Barahona e Miguel Fragata**

Com a participação de **Álvaro Fonseca e Sofia Paredes, Eunice Maia, Isabel Castanheira, Joana Gil Nave, João Camargo, Leonor Canadas, Sara Amado e Salomé Areias**

Realização **Miguel Afonso**

Música **Fernando Mota**

Produção executiva **Luna Rebelo**

Produção **Formiga Atómica**

Agradecimentos **Henrique Frazão, João Gambino, Pilar Fragata, Vitória Fragata**

O ciclo *Isto não é uma brincadeira* é uma encomenda do Lu.CA – Teatro Luís de Camões

# Biografias

## Miguel Fragata

encenação e texto

(Porto, Portugal, 1983)

Estudou no Colégio Alemão do Porto. É licenciado em Teatro pela Escola Superior de Teatro e Cinema. Completou o Bacharelato em Teatro na Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo.

Trabalhou como intérprete em espectáculos de Jorge Andrade, Madalena Victorino, Cristina Carvalhal, Jacinto Lucas Pires, Catarina Requeijo, Giacomo Scalisi, Rafaela Santos, Vera Alvelos, Pompeu José, José Rui Martins, José Carretas, Gabriel Villela e Agnès Desfosses. Foi assistente de encenação de Madalena Victorino, Bruno Bravo, Claudio Hochmann e Diogo Dória.

Fundou e dirige, com Inês Barahona, a FORMIGA ATÓMICA. Concebeu e encenou os espectáculos "Montanha-Russa" (2018, coprodução TNDMII, TNSJ, Teatro Virgínia), "Do Bosque Para o Mundo" (2016, coprodução São Luiz Teatro Municipal), cuja versão francesa "Au-Delà de la Forêt, le Monde", foi coproduzida pelo Théâtre de la Ville de Paris e abriu o 72.º Festival de Avignon (2018). Concebeu e encenou ainda "A Visita Escocesa" (2016, coprodução TNDMII), "Pedro, Pedra e Grão" (2016, coprodução Teatro Viriato) e "A Grande Demonstração de Xilofagia" (2016, Fundação Calouste Gulbenkian - Programa Descobrir). Em 2015, concebeu e encenou os espectáculos "The Wall" (coprodução Teatro Maria Matos, Teatro Municipal do Porto, Teatro Viriato, Teatro Virgínia, Centro Cultural Vila Flor e Centro de Arte de Ovar) e "O Homem Sem Rótulo" (coprodução EGEAC).

Em 2013, concebeu, encenou e interpretou o espectáculo "A Caminhada dos Elefantes" (financiado pela DGArtes e coproduzido pelo Teatro Maria Matos, Teatro Viriato, Centro Cultural Vila Flor e Artemrede), cuja versão francesa "La Marche des Éléphants" continua em circulação. Os seus espectáculos têm sido apresentados em teatros e festivais por todo o território nacional, França, Suíça e Bélgica.

## Inês Barahona

texto

(Lisboa, Portugal, 1977)

Licenciada em Filosofia. Mestre em Estética e Filosofia da Arte pela Faculdade de Letras (Universidade de Lisboa). Ingressou no Centro de Pedagogia e Animação, do Centro Cultural de Belém, em 2005, sob a direção de Madalena Victorino, onde desenvolveu projetos de relação entre as artes e a educação para público escolar, familiar e especializado.

Desenvolveu, em 2008, com Madalena Victorino e Rita Batista, para a Direção-Geral das Artes,

"O Livro Escuro e Claro", cuja distribuição acompanhou em 2012, dando formação a equipas e professores.

Colaborou ainda na conceção da exposição "Uma Carta Coreográfica" da autoria de Madalena Victorino, para a Direção-Geral das Artes.

Integrou a equipa de Giacomo Scalisi, vertentes de Produção e Relação com a Comunidade, na inauguração do Teatro Municipal de Portimão, em 2008.

Trabalha em áreas como a escrita e a dramaturgia, com Madalena Victorino ("Caruma" e "Vale"), Giacomo Scalisi ("Teatro das Compras"), Teatro Regional da Serra de Montemuro ("Sem Sentido") e Catarina Requeijo (assistência de encenação ao espectáculo "Amarelo", texto de "A Grande Corrida" e de "Muita Tralha, Pouca Tralha"). Encenou, em 2012, o espectáculo

"A Verdadeira História do Teatro", para o Teatro Maria Matos, em 2013, "A Verdadeira História da Ciência", para a Fundação Calouste Gulbenkian.

Fundou, em 2014, a companhia FORMIGA ATÓMICA com Miguel Fragata, com quem cocriou os espectáculos "A Caminhada dos Elefantes" (2013); "The Wall" (2015); "A Visita Escocesa" (2016); "Do Bosque para o Mundo" (2016) e "Montanha-Russa" (2018), ocupando-se da escrita dos textos.

Deu formação na área da escrita a professores e adultos, no Sou – Movimento e Arte, Fundação C. Gulbenkian e Circulando.

## Edi Gaspar

### interpretação

(Águeda, Portugal, 1991)

Concluiu o curso de Interpretação da Academia Contemporânea do Espetáculo em 2011, ano em que cocria o coletivo Numa Norma, do qual destaca os espetáculos Marat/Sade, de Peter Weiss, uma coprodução com As Boas Raparigas... (2011) e Fome Longe (TeCa, Corrente Alternada, 2013), encenados por António Júlio. Com o Serviço Educativo do Teatro do Bolhão apresenta regularmente espetáculos itinerantes para a infância.

Do seu trabalho destaca Os Justos, de Albert Camus, com encenação de Pedro Fiuza (2014); Turandot, de Carlo Gozzi, com encenação de João Cardoso (Assédio, Teatro do Bolhão, Numa Norma e TNSJ, 2015) e Guardar Segredo, com dramaturgia de Fernando Giestas e encenação de Caroline Bergeron (Amarelo Silvestre, 2018). Trabalhou ainda com o Teatro Experimental do Porto, Comédias do Minho, Panmixia, Centro Dramático de Viana e com os encenadores Rafaela Santos, Zeferino Mota, José Carretas, Castro Guedes e Joaquim Nicolau.

## Eric da Costa

### cenografia

(Paris, França, 1971)

Iniciou o seu percurso em 1991, sendo co-fundador do coletivo de teatro O OLHO (1991-2002). Desde aí, desenvolve o seu trabalho na área da cenografia e adereços, a par de uma vertente técnica, nomeadamente desenvolvendo máquinas de cena e assumindo a Direcção Técnica de diversos espetáculos e festivais. Colaborou com criadores como João Garcia Miguel, Alberto Lopes, Ana Borralho & João Galante, António Feio, João Brites, Susana Vidal, Miguel Seabra, Patrícia Portela, entre outros.

Foi aderecista no Teatro Nacional Dona Maria II entre 1993 e 1996, tendo colaborado em cerca de 50 espetáculos, entre eles "O que diz Molero" (enc. António Feio), "As troianas" (enc. João Mota), "Ricardo II" e "O Leque de Lady Windermere" (enc. Carlos Avilez).

Em 1997, assume a direcção técnica do espectáculo "Peregrinação", evento regular diurno da Expo 98, produzido pelo Teatro O Bando. No campo da direcção técnica, destaca-se ainda o seu papel enquanto director técnico do Festival X (1994-2002), do CITEMOR (edição de 2007), da Representação Oficial Portuguesa na Quadrienal de Praga 2015, com curadoria da APCEN – Associação Portuguesa de Cenografia, e do Teatro Nacional Dona Maria II (2015-2016; adjunto entre 2011 e 2015).

Em 2005, é responsável pela concepção do projecto do espaço multiusos Toyota Box; em 2007, pelo projecto e construção da réplica do Crazy Horse de Paris em Lisboa; e em 2011, pelo projecto de execução da cenografia do espaço expositivo da exposição internacional NASA – A Human Adventure.

Colaborou com a Artica Creative Computing na concepção de sistemas interactivos para espetáculos, exposições e equipamentos, para entidades como a JWT Lisboa / Nestlé Portugal, a Schindler, a Pfizer ou a Fundação Calouste Gulbenkian.

Foi distinguido com o Prémio ACARTE / Madalena Azeredo Perdigão em 2002, pela cenografia do espectáculo "Seria preciso uma grande chuva para apagar as pegadas", com encenação de João Galante.

## José António Tenente

### figurinos

(Cascais, Portugal, 1966)

Após ter iniciado a sua formação superior em Arquitetura, José António Tenente envereda pela Moda, revelando em 1986 a sua primeira coleção. Com um trabalho reconhecido e galardoado com vários prémios de "Criador de Moda" e outras distinções, José António Tenente dedica atualmente a maior parte do seu trabalho à criação de figurinos para espetáculos, atividade que desde cedo ocupa um importante lugar no seu percurso. tem colaborado com diversas companhias, encenadores e coreógrafos: Ballet Gulbenkian, Companhia Nacional de Bailado, Companhia Paulo Ribeiro, Companhia de Dança Contemporânea de Évora, Beatriz Batarida, Carlos Avilez, Carlos Pimenta, Luca Aprea, Maria Emília Correia, Miguel Fragata, Miguel Loureiro, Pedro Gil, Ricardo Neves-Neves, Tónan Quito, Benvindo Fonseca, Clara Andermatt, Paulo Ribeiro, Rui Horta, Rui Lopes Graça, entre outros.

## Fernando Mota

música original

Compositor, músico e artista multi-disciplinar.

Desde 2010 que tem vindo a criar uma série de espectáculos desenvolvendo uma linguagem cénica multidisciplinar e universal, em criações como MAPA (estórias de mundos distantes), PHOTOMATON, PEIXE LUA e QUANDO O HOMEM LAVRAVA O MAR.

O seu universo musical resulta do cruzamento de diversas linguagens, geografias e ferramentas, como o estudo de instrumentos tradicionais portugueses e de outras culturas, a construção de instrumentos experimentais e objetos sonoros, a utilização de elementos da natureza e sons do quotidiano nas suas composições e a manipulação e experimentação sonora através da informática e da eletro-acústica.

Desde 1994 que compõe música para teatro, dança e cinema de animação, tendo colaborado com diversos diretores, companhias e produtoras. Algumas destas criações ganharam diversos prémios nacionais e internacionais, incluindo o Prémio Nacional da Crítica 2004 (Associação Portuguesa de Críticos de Teatro), Prémio de Melhor Espectáculo no Festival de Avignon 2005 (ADAMI – Prémio do Público), entre outros. Com vários deles realizou itinerância em países como a Alemanha, França, Itália, Espanha, Cabo-Verde, Roménia, Rússia, Irão, Brasil e Grécia.

Pela música original e espaço sonoro de “Por Detrás dos Montes” do Teatro Meridional, recebeu uma Menção Honrosa (Prémio Nacional da Crítica 2006, promovido pela Associação Portuguesa de Críticos de Teatro) e o Prémio de Melhor Música Original dos Prémios de Teatro 2007 do Guia dos Teatros. “Saudade – Terres D’eau” da Cie. Dos à Deux, com banda sonora original sua, recebeu o Prémio de Melhor Espectáculo no Festival de Avignon 2005 (ADAMI – Prémio do Público). Em 2007 recebeu o Prémio Melhor Obra Portuguesa no 8º Concurso Internacional de Composição Electroacústica (Festival Música Viva). Foi ainda nomeado para o Europe Prize New Theatrical Realities XI, promovido em 2008 pela Comissão Europeia com o alto patrocínio do Parlamento Europeu.

## José Álvaro Correia

desenho de luz

(Lisboa, Portugal, 1976)

Designer de luz, licenciado em Teatro - ramo Luz e Som e especialista em Design de Iluminação pela Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo. O espetáculo e o teatro, em particular, são o início de um percurso que tem levado José Álvaro Correia a desenhar luz para várias áreas da iluminação como concertos, óperas, dança, museus e exposições, vídeo, instalações, espaços públicos e eventos. Desde 2000 que orienta diversos workshops de iluminação para espetáculos colaborando regularmente com diversas instituições sendo professor na Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha. É Coautor do "Manual Técnico para Iluminação de Espetáculos". Desde 2013 que é autor dos desenhos de luz dos espetáculos da companhia Formiga Atómica.

## João Gambino

vídeo

(Caldas da Rainha, Portugal, 1985)

Estudou cinema na Universidade Lusófona entre 2004 e 2008 e desde então tem feito a sua atividade entre o vídeo, o cinema e o teatro. No cinema, como director de fotografia, fez curtas metragens como “Candy Riot” (David Tutti dos Reis, Indie Lisboa 2011), “Valsinha” (Miguel Carranca 2012) ou “A Rampa” (Margarida Lucas, Curtas Vila do Conde 2015).

Nas artes performativas tem criado vídeo para espetáculos e apresentações ao vivo tendo colaborado com vários criadores e companhias de teatro e dança como a Mala Voadora, Pedro Gil, Raquel Castro, Mirró Pereira, Romeu Costa, Miguel Castro Caldas, Mónica Garnel, Miguel Fragata, Inês Barahona, Tonan Quito, Sofia Dias e Vítor Roriz.



© Agathe Poupenev

## Sobre nós

A Formiga Atómica é uma companhia de teatro, fundada e dirigida por Miguel Fragata e Inês Barahona. As suas criações inscrevem-se em questões contemporâneas e destinam-se a todo o público. Os espetáculos da Formiga Atómica são habitualmente antecedidos por períodos de pesquisa motivados pela questão e/ou públicos que abordam. Entre as suas criações destacam-se *A Caminhada dos Elefantes* (2013, +150 apresentações), *The Wall* (2015), *A Visita Escocesa* (2016), *Do Bosque para o Mundo* (2016, +80 apresentações), *Montanha-Russa* (2018, +45 apresentações), *Fake* (2020) e *O Estado do Mundo (Quando Acordas)* (2021, +65 apresentações).

A companhia circula regularmente por território nacional e internacional, tendo concebido versões francesas de três dos seus espetáculos: *La Marche des Éléphants* (2016), *Au-Delà de la Forêt, Le Monde* (2017, espectáculo de abertura do Festival de Avignon 2018) e *L'État du Monde (Un dur réveil)* (2022, co-produção Théâtre de La Ville - Paris). O espectáculo *A Caminhada dos Elefantes* circula também, desde 2020, nas suas versões alemã (*Die Wanderung der Elefanten*) e espanhola (*La caminata de los elefantes*).

## Contactos

**Miguel Fragata**  
Direcção Artística  
+351 914 611 220  
miguelfragata@formiga-atomica.com

**Inês Barahona**  
Direcção Artística  
+351 963 106 604  
inesbarahona@formiga-atomica.com

**Produção**  
+351 910 074 029  
info@formiga-atomica.com

Formiga Atómica –  
Associação Cultural  
Rua Capitão-Mor Pedro  
Teixeira, n.º1, 5.ºesq  
1400-041 Lisboa

[www.formiga-atomica.com](http://www.formiga-atomica.com)  
Facebook [formiga.atomica.ac](https://www.facebook.com/formiga.atomica.ac)  
Instagram [formiga.atomica.ac](https://www.instagram.com/formiga.atomica.ac)

